

NHANDEREKO-HÁ
jeito de ser na nossa casa
Vol. 1

CÁRITAS NA AMAZÔNIA I
EXPERIÊNCIAS E VIDAS
AMAZÔNICAS

Elisangela Dias
Marcelo Antonio Lemos
Marcia Maria de Oliveria
(Organizadores)

CÁRITAS NA AMAZÔNIA I
EXPERIÊNCIAS E VIDAS
AMAZÔNICAS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RORAIMA**

REITOR

Jefferson Fernandes do Nascimento

VICE-REITOR

Américo Alves de Lyra Júnior

DIRETOR DA EDUFRR

Cezário Paulino B. de Queiroz

CONSELHO EDITORIAL

Alcir Gursen de Miranda
Anderson dos Santos Paiva
Bianca Jorge Sequeira Costa
Edlauva Oliveira dos Santos
Georgia Patrícia Ferko da Silva
Guido Nunes Lopes
José Ivanildo de Lima
José Manuel Flores Lopes
Luiz Felipe Paes de Almeida
Luiza Câmara Beserra Neta
Núbia Abrantes Gomes
Rafael Assumpção Rocha
Rileuda de Sena Rebouças

**CÁRITAS BRASILEIRA
ORGANISMO DA CNBB**

DIRETORIA

Presidente

Dom Mário Antônio da Silva

Vice-presidente

Cleusa Alves da Silva

Secretária

Nilza Mar Fernandes de Macedo

Tesoureiro

Udelton da Paixão Espírito Santo

CONSELHO FISCAL

Anadete Gonçalves Reis
Aguinaldo Lima
Paulo Evangelista dos Santos

COORDENAÇÃO COLEGIADA

Diretor executivo

Carlos Humberto Campos

Coordenadora

Valquiria Lima

Coordenador

Rogério Augusto Cunha



Editora da Universidade Federal de Roraima
Campos do Paricarana – Av. Cap. Ene Garcez, 2413,
Aeroporto – CEP: 69.310-000. Boa Vista – RR – Brasil
e-mail: editora@ufr.br / editoraufrr@gmail.com
Fone: + 55 95 3621 3111

A Editora da UFRR é filiada à:



NHANDEREKO-HÁ

jeito de ser na nossa casa

Vol. 1



CÁRITAS NA AMAZÔNIA I EXPERIÊNCIAS E VIDAS AMAZÔNICAS

Elisangela Dias
Marcelo Antonio Lemos
Marcia Maria de Oliveria
Organizadores



Boa Vista - RR
2019

Copyright © 2019
Editora da Universidade Federal de Roraima

Todos os direitos reservados ao autor, na forma da Lei.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,
constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabele-
cido pelo artigo 184 do Código Penal.

Projeto Gráfico e Capa

George Brendom Pereira dos Santos

Diagramação

George Brendom Pereira dos Santos

Dados Internacionais de catalogação na publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

C277 *Cáritas na Amazônia I : experiências e vidas amazônicas / Elisangela Dias; Marcelo Antonio Lemos; Marcia Maria de Oliveria, Organizadores. – Boa Vista : Editora da UFRR, 2019.*

82 p. : il. - (Coleção: Nhandereko-Há : jeito de ser na nossa casa; v. 1).

ISBN: 978-65-86062-29-8

Livro eletrônico

Modo de acesso: www.ufr.br/editora/index.php/ebook

1 - Missão da Cáritas. 2 - Vidas amazônicas. 3 - Defesa da vida. 4 - Povos da floresta. I. Título. II - Dias, Elisangela. III - Lemos, Marcelo Antonio. IV - Oliveria, Marcia Maria de. V- Série.

CDU - 316.346.2(811)

A exatidão das informações, conceitos e opiniões
é de exclusiva responsabilidade dos autores

AGRADECIMENTO

À Conferência Nacional dos Bispos do Brasil Regional Noroeste, Norte 1, Norte 2, Norte 3, e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil que, pelo Fundo Nacional de Solidariedade, favorecem a missão e a visibilidade do "jeito de ser na nossa casa", para *Amazonizar* outros cantos e recantos do mundo, as regionais, articulações e entidades membros da Cáritas Brasileira da região Norte, as dioceses e arquidioceses e o Secour catholique, Cáritas Espanha e Cáritas Alemã.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	9
NHANDEREKO-HÁ	14
CÁRITAS AMAZÔNICAS	16
EXPERIÊNCIAS E RODAS AMAZÔNICAS DE SABERES	18
CARITAS NA AMAZÔNIA – REGIONAL NOROESTE ESTADOS DO ACRE, RONDÔNIA E SUL DO AMAZONAS	22
CÁRITAS NA AMAZÔNIA - REGIONAL NORTE 1 ESTADOS DO AMAZONAS E DE RORAIMA	41
CÁRITAS NA AMAZÔNIA - REGIONAL NORTE 2 ESTADOS DO AMAPÁ E PARÁ	54
CÁRITAS NA AMAZÔNIA - REGIONAL NORTE 3 (ESTADO DO TOCANTINS, 1 DIOCESE DO PARÁ E UMA PRELAZIA DO MATO GROSSO)	59
CÁRITAS REGIONAL NORTE II: GRUPO PORDOSOL/RECOMSOL . . .	74
REFERÊNCIAS	82

APRESENTAÇÃO

O presente caderno é o primeiro da coleção NHANDEREKO-HÁ jeito de ser na nossa casa, que compreenderá: Cáritas na Amazônia I – Experiências e Vidas Amazônicas, Cáritas na Amazônia II – Iniciativas Amazônicas, Cáritas na Amazônia III – Amazonizar - Incidência Social e Política e, por fim, O Grupo PORDOSOL, que integra a Rede de Cooperação Mãos Solidárias RECOMSOL da Cáritas do Regional Norte II.

7

Este primeiro caderno, Cáritas na Amazônia I – Experiências e Vidas Amazônicas, é fruto das rodas de conversa sobre a Amazônia, realizadas no estado de Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Tocantins, Pará e Amapá para animar e promover a defesa da vida dos povos e da floresta, missão da Cáritas, no território da Amazônia Brasileira.

As rodas de conversa reuniram dezenas de pessoas de comunidades e empreendimentos solidários, organizados por mulheres e homens onde a Cáritas está presente. Este caderno trata, portanto, de como essas pessoas experimentaram esse espaço de ciranda de saberes sobre a vida amazônica, a vida da floresta e suas próprias vidas. Sem saber da vida e da forma de vida das pessoas, a Cáritas compreende que não se pode entender, como é o “jeito de ser na nossa casa”.

As várias histórias leve cada pessoa nessa aventura comprometida com a formação, de uma consciência territorial, responsabilidade no cuidado com todas as formas de vida da floresta e a resistência comunitária e pessoal, indispensável na promoção dos direitos da natureza e dos humanos.

Na alegria do *compartilhar*, do *esperançar* e do *amazonizar*, desejamos boa leitura e que este texto inspire muitas outras experiências de convivência com a Amazônia.

8

Boa Vista - Roraima, 12 de Dezembro de 2019.

Festa de Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira da América Latina.

Organizadores/as:

Elisangela Barbosa Dias

Marcelo Antonio Lemos

Márcia Maria de Oliveira

INTRODUÇÃO

Neste pequeno caderno apresentamos alguns dos resultados do projeto *nhandereko-há* de convivência com a Amazônia realizados nas comunidades, grupos e organizações de base acompanhados pelas equipes Cáritas em toda Amazônia. As experiências aqui sistematizadas apontam que a Convivência com a Amazônia encontra-se na contramão do desenvolvimento da ciência, da técnica, da indústria e da economia a serviço da exploração desmedida dos recursos naturais, da concentração da riqueza e da produção crescente da miséria na Amazônia.

As experiências representam os diversos espaços de resistência aos projetos desenvolvimentistas pautados na exploração desmedida e na destruição dos recursos naturais, que no entendimento dos Povos da Amazônia, seriam recursos de uso coletivo compartilhado, num modo de vida não capitalista adotado e assimilado milenarmente por esses povos. Nesse entendimento, o *Bem Viver* que é o fundamento do *nhandereko-há* não significa ausência do *progresso* e nem atraso proposital. Pelo contrário. Significa alternativa ao desenvolvimento baseado na lógica desenvolvimentista neoliberal ou neocolonial. As alternativas à sociedade neoliberal, ao mercado e ao consumo exacerbado podem contar com as inovações tecnológicas de ponta, desde que estejam a serviço da vida com qualidade e dignidade para todos os seres vivos sobre a terra.

As alternativas foram apresentadas nas experiências que envolveram comunidades ribeirinhas comprometidas com a pureza das águas dos rios e igarapés que lhes garante o “peixe

nosso de cada dia” e a interligação entre as comunidades espalhadas por toda Amazônia. Neste sentido *nhandereko-há* significa comunicação, cuidado, proteção, convívio. E anuncia que tudo está interligado nesta Casa Comum numa estreita relação com a Encíclica Laudato Si (2015).

A sistematização das experiências indicam também que a continuidade do Projeto de Convivência com a Amazônia é necessária e urgente num contexto ainda tão marcado pela exploração e destruição que vem acarretando diversas catástrofes naturais, não podendo mais esconder a estreita ligação entre estas e a destruição do meio ambiente pela ação humana. Percebe-se com isso que os problemas ambientais são sistêmicos, interligados. Sabe-se porém, que não é possível *ecologizar* o capitalismo. Por isso, o projeto *nhandereko-há* de convivência com a Amazônia nesta experiência concreta da Cáritas conclue que ao invés de insistir nos *desenvolvimentos alternativos*, precisamos construir *alternativas ao desenvolvimento* pautado no modelo capitalista.

O Projeto *nhandereko-há* de convivência com a Amazônia conseguiu reunir, legitimar e fortalecer as diversas instituições que buscam, num esforço comum, uma mobilização regional que possa questionar o caráter destrutivo do projeto dominante e apresentar a todas as pessoas de boa vontade a proposta e o convite para que se unam em torno da Convivência com a Amazônia orientado e acompanhado, direta e indiretamente pela Cáritas Brasileira.

Nos últimos tempos, dentre muitas prioridades a Cáritas Brasileira tem voltado sua atenção à Amazônia. A partir do

IV Congresso da entidade, foram iniciadas ações para o fortalecimento e consolidação da Cáritas, na Região Norte, de maneira especial no Amazonas, Roraima, Acre, Rondônia e Pará.

Os resultados do Projeto *nhandereko-há* de convivência com a Amazônia representam a possibilidade de continuidade dos processos de fortalecimento da atuação da Cáritas na Amazônia e o avanço para novas frentes e dimensões que implicam, dentre outros, em processos de profunda transformação da sociedade à luz dos ensinamentos dos Povos Indígenas, tradicionais, camponeses, ribeirinhos, migrantes. Os resultados indicam importante participação e protagonismo das mulheres, da juventude de comunidades inteiras comprometidas com a defesa da Amazônia.

Projeto *nhandereko-há* de convivência com a Amazônia teve como objetivo geral contribuir para a construção da perspectiva do Bem Viver na Região Amazônica brasileira a partir de iniciativas indenitárias, de Convivência com o Bioma, junto às comunidades, grupos específicos, pastorais e movimentos sociais e ampliando/fortalecendo a rede Caritas nas Dioceses e paróquias, tendo como fundamento o Marco Referencial da Caritas Brasileira, as recomendações do Sínodo e as diretrizes da CNBB.

Diversos resultados contribuíram para concretizar este objetivo e suas especificidades, dentre as quais destacamos: consolidar e Ampliar processos de organização e fortalecimento da Rede Cáritas na Região Norte do país. O principal resultado foi a observação de que a Rede Caritas Brasileira na região

norte tem sido ampliada, qualificada e vem fortalecendo a sua atuação com as pastorais e movimentos sociais.

12

O segundo objetivo específico visou realizar ações de incidência política, com entidades parceiras, nos estados das amazonas e Roraima, Pará e Amapá, Rondônia, Acre e Sul das amazonas, fortalecendo as lutas locais em defesa dos povos e da floresta. O resultado observado foram as ações de incidência e controle social de políticas públicas, envolvendo a rede Caritas, grupos, comunidades e entidades parceiras, sendo intensificadas e fortalecidas, provocando mudanças na realidade da região.

O terceiro objetivo priorizou consolidar a perspectiva de convivência com o Bioma Amazônico, apoiando o desenvolvimento de experiências inovadoras, fortalecendo a perspectiva da economia solidaria, especialmente com mulheres e jovens resultando em iniciativas (experiências inovadoras) de Convivência com a Amazônia, com mulheres e jovens fortalecidas, à luz do Bem Viver e em consonância com a Convenção 169 da OIT.

Na certeza dos objetivos alcançados e da continuidade dos diversos processos de *nhandereko-há* de convivência com a Amazônia nesse “nosso jeito de ser em nossa casa”, devolvemos aos grupos animadas pela Cáritas na Amazônia esta singela sistematização, fruto do trabalho coletivo e da dedicação de todos e todas que com muita alegria, em forma de caderno, devolvemos aos Agentes Cáritas de toda a Amazônia com seus mais diversos grupos e formas de participação, os resultados deste trabalho e desta missão e desejamos que

ele nos inspire na caminhada a seguir cantando: "Cáritas, tua força é o Senhor. Tua missão é o próprio amor. Água pra beber, terra pra plantar. Pão para comer, vidas a cuidar.

Coordenadoras e animadoras do Projeto Nhandereko-há de convivência com a Amazônia:

Articulação Regional Noroeste:

Edilaine Guariniri de Oliveira

Aurinete Souza Brasil Freire

Articulação Regional Regional Norte 2:

Keila Souza Marães Giffoni

Articulação Regional Norte I:

Ir. Delires Brun

Marcia Maria de Souza Miranda

Articulação Regional Norte III

Amilson Rodrigues

Maria Istélia Coêlho Fôlha



NHANDEREKO-HÁ

NHANDEREKO-HÁ

Para os Povos Tradicionais da Amazônia, a palavra *nhandereko-há* é usada na língua *Nheengatu*, ou língua geral amazônica, para indicar a identidade étnica ou “jeito de ser na nossa casa”. Nessa perspectiva, a terra, a floresta e os rios simbolizam o *lócus* da organização social e política, lugar da produção e transmissão de práticas sustentáveis que se encontram em todos os lugares da Amazônia.

Desse modo, a terra da Amazônia não é propriedade. É lugar e espaço vivencial. Não deveria ter terreno nem gleba que se negocia no mercado imobiliário. É *lócus* e o território imaginado, sentido e vivenciado. Lugar da memória e do respeito aos antepassados, dever ser o lugar da agroecologia, do extrativismo responsável, da pesca sustentável, da festa, dos jogos e danças tradicionais. Conviver com e no bioma amazônico representa um grande desafio a serem reaprendidos com os Povos Tradicionais da região, de maneira especial, os povos indígenas, camponeses e ribeirinhos.

Atualmente, muitas são as instituições preocupadas e empenhadas na busca de meios e possibilidades de uma convivência que retome e dê novos significados à construção de relações humanas, baseadas em práticas de cooperação e de participação. Estão buscando alternativas para viver na lógica da economia solidária, pautada na partilha e na solidariedade, com respeito e cuidado com a terra, as águas, os povos e as culturas que nascem da floresta.



CÁRITAS AMAZÔNICAS

CÁRITAS NA AMAZÔNIA

A partir do IV Congresso Nacional da Cáritas Brasileira¹, foram iniciadas ações para o fortalecimento e consolidação da Cáritas em todos os estados da Região Norte do Brasil (Acre, Amazonas, Amapá, Roraima, Rondônia e Tocantins), com muitos esforços Pará e Amapá. A Região Norte apresenta particularidades que desafiam a atuação da Cáritas na Amazônia.

Trata-se de singularidades geográficas, naturais e de seus povos tradicionais que não podem ser vistos como um todo igual, homogêneo, uma única Amazônia. As culturas, alimentos, organização social diversa a depender dos territórios, a relação territórios-naturais e seres humanos, tudo na Amazônia se organiza de uma forma diversa, bela e complexa.

Ser Cáritas na Amazônia, ser Igreja na Amazônia é compreender essa realidade e criar sempre formar dinâmicas e criativas para ação evangelizadora, onde as culturas locais possam ser expressas de forma livre, democrática, independente e participativa. Desta forma, contribuir para que os povos e comunidades tradicionais possam expressar vivo o rosto materno de Deus, qual seja o bem viver.

¹ IV Congresso e XVIII Assembleia da Cáritas Brasileira aconteceram de 09 e 12 de novembro de 2011, na cidade de Passo Fundo (RS).

The image features three circular objects, possibly woven baskets or plates, arranged in a triangular pattern. Each object is covered in a different complex geometric pattern. The top object has a central diamond shape filled with a grid of smaller diamonds, surrounded by concentric lines. The bottom-left object has vertical bands of repeating diamond and triangle motifs. The bottom-right object has a central diamond shape with a spiral-like pattern inside. The entire scene is set against a light green background.

**EXPERIÊNCIAS E RODAS
AMAZÔNICAS DE SABERES**

EXPERIÊNCIAS E RODAS AMAZÔNICAS DE SABERES

Para Jorge Larrosa Bondía, experiência pode ser descrita como:

19

Experiência é o que nos acontece, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então a experiência é uma paixão. Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, [...] mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito apaixonado [...] o sujeito apaixonado não está em si próprio, na posse de si mesmo, no autodomínio, mas está fora de si, dominado pelo outro, cativado pelo alheio, alienado, alucinado.

Com esse entendimento, propõe-se descrever e narrar experiências de vidas amazônicas. Não foi a mulher ou o homem que constituíram sua forma de vida amazônica, por si mesmos, foram agarrados, cativados pela vida que pulsa na floresta, na vida das matas, por meio de seus encantamentos e encantados, foram escolhidos para constituir uma relação apaixonada entre ambos. Em toda relação, é preciso aprendizagens para bem conviver, a fim de estabelecer uma relação que seja visível o Bem Viver.

Com base nessa aproximação, que a experiência de vida e as formas de organizar para melhor conviver pessoas e a natureza, que apresentamos a seguir esses territórios de passagem. São humanos viventes na Amazônia, os quais se incorporam nas rodas e cirandas de saberes, forjando novas maneiras de tornar visto, tocado, sentido e manterem-se enamorados pela vida natural amazônica e tudo que nela contém. Vão moldando, artesanalmente, a forma de vida de todos os que se deixam Amazonizar pelo caminho. Quais conteúdos e

motivações animaram as rodas amazônicas de saberes, as rodas de conversa?

20

RODAS AMAZÔNICAS DE SABERES

Foi elaborado um subsídio de apoio, como instrumento metodológico, para apoiar o levantamento dessas experiências de encontro, de estudo, de aprendizagem, até a sistematização das escutas. Os momentos se desenvolveram em três atitudes importantes na relação com a Amazônia: 1. Conhecer para amar e respeitar a *casa comum*; 2. Conhecer para reconhecer e valorizar a Amazônia e 3. Conhecer para conviver com a Amazônia.

As rodas de conversas retomaram o projeto Nhandereko-há – jeito de ser na nossa casa, de convivência com a Amazônia. Para as Cáritas da Amazônia Brasileira trata-se de um programa como forma de organização social e política, de produção e transmissão de etnoconhecimento, o qual entende a floresta como uma casa comum e também o lugar da resistência milenar dos povos originários.

Abaixo, segue o roteiro de encontro das rodas que serviram para navegar, pelos igarapés das Cáritas Amazônicas:

Momento 1 - O que queremos conversar?

Os animadores da roda preparam o encontro no sentido do tema da conversa, os objetivos da roda e partilham as tarefas.

Momento 2 - Acolhida solidária

Quem facilita as rodas acolhe os/as participantes.

Momento da mística.

Cantos, músicas, canções ou poesias de acolhida.

Momento 3 - Vamos saber mais?

Conteúdo do encontro apresentado com breve texto para leitura, reflexão e aprofundamento temático.

Momento 4 - Fé na vida

Iluminação bíblica com breve leitura de um trecho da palavra de Deus que pode ser acolhido com um refrão que todos/as saibam cantar.

Momento 5 - Outros saberes

Reunir em grupos para conversar sobre os textos e responder às questões (por escrito) para partilhar na Roda de Conversas.

Momento 6 - Gesto e despedida solidária

Encerrar com uma música ou poesia, gestos comuns de despedida e animar para a próxima Roda de Conversa.

Da realização de cada momento, apresentamos a seguir, os acúmulos que apareceram em vários regionais Cáritas na Amazônia.

**CARITAS NA AMAZÔNIA – REGIONAL
NOROESTE ESTADOS DO ACRE, RONDÔNIA E
SUL DO AMAZONAS**



O AMOR EM MOVIMENTO

Para conhecer melhor as aprendizagens e a rede de amigos/as, apresentamos, a seguir, algumas das iniciativas que realizaram as rodas de conversa e puderam ampliar os saberes amazônicos, buscar novas alternativas e aprofundar as aprendizagens, para manterem-se firmes no compromisso com os direitos da natureza e dos humanos.

23

INICIATIVAS EM MOVIMENTO

INICIATIVA ASSOCIAÇÃO SERINGUEIROS AGROEXTRATIVISTAS – GUAJARÁ-MIRIM - RO

Histórico e contextualização

A associação foi criada em 2001, reunindo extrativistas locais. Hoje, com dezessete anos, conta com a parceria da EMATER², ICMBio³, da prefeitura municipal e também do acompanhamento da Cáritas.

Com aproximadamente 90 mulheres e 90 homens, tem uma característica de ser constituída, majoritariamente, por pessoas adulta e com muitos acima de 50 anos. Desde a sua formação, o perfil das pessoas é com nível de escolaridade baixa e alguns são analfabetos.

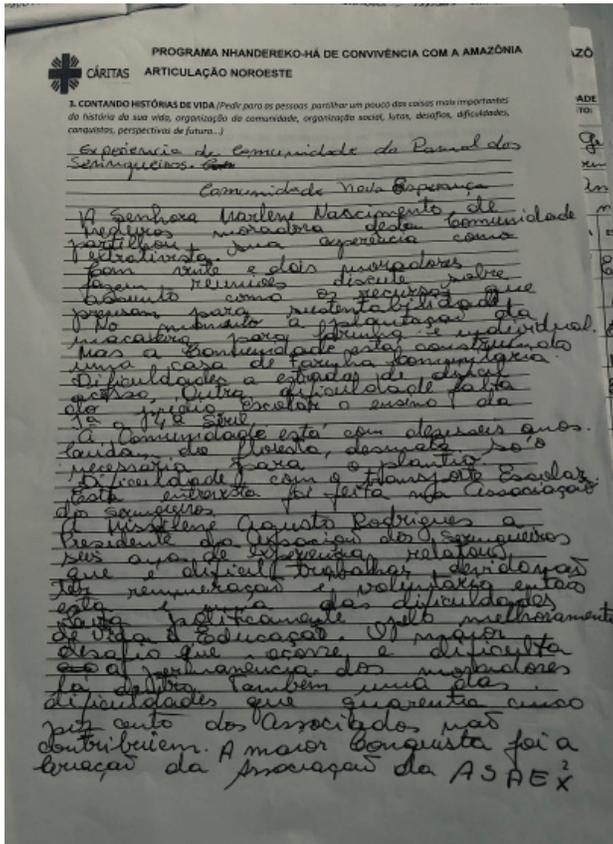
² Serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER.

³ Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão ambiental do governo brasileiro, criado pela lei 11.516, de 28 de agosto de 2007.

Vida compartilhada

A seguir, a história da Senhora Marlene Nascimento de Me-deiros, moradora da comunidade ramal dos seringueiros e extrativista:

24



A narrativa foi realizada por outra animadora do grupo, e destaca e expressa, em grande parte, as linhas das vidas, lutas e conquistas da comunidade, bem como da Sra. Marlene ao partilhar sua vida.

Propostas de ação:

- Manter palestras e rodas de conversa na comunidade, como atividade permanente;
- Animar atividades de preservação da floresta, incluindo manejo dos resíduos sólidos e orgânicos, principalmente sobre plásticos nos rios.

Força:

- O sentido de compromisso e pertença com a natureza.

Resultado:

- Reafirmar os compromissos para redução e acabar com as queimadas; melhorar e realizar campanhas de plantio de árvores.

INICIATIVA ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS NOVA VIDA - GUAJARÁ-MIRIM – RO

Histórico e contextualização

Fundada em 2008, a associação tem 22 anos. Sua fundação tem origem no desejo de organizar as pessoas que estavam catando, no lixão, os materiais recicláveis. Com muitos esforços, as pessoas foram aderindo a essa iniciativa. Hoje, conta com mais de 40 pessoas cadastradas, entre homens e mulheres. A mobilização, nesses anos, foi feita com apoio de muitas pessoas e organizações.

Quando os grupos se reuniram para fazer a roda de conversa, muitas foram as histórias que enriqueceram o caminho,

A esperança e a confiança estão fazendo com que a história dos catadores e das catadoras não pare. O que se pode notar é a forte parceria comunitária para o sonho se tornar realidade.

Proposta de ação:

- Realizar um trabalho em condições dignas e que a gestão dos resíduos sólidos, o trabalho do catador e catadora sejam valorizados nas suas atividades.

Força:

- Os catadores e as catadoras são reconhecidos/as pela comunidade como educadores/as ambientais e que respeitam e cuidam da cidade.

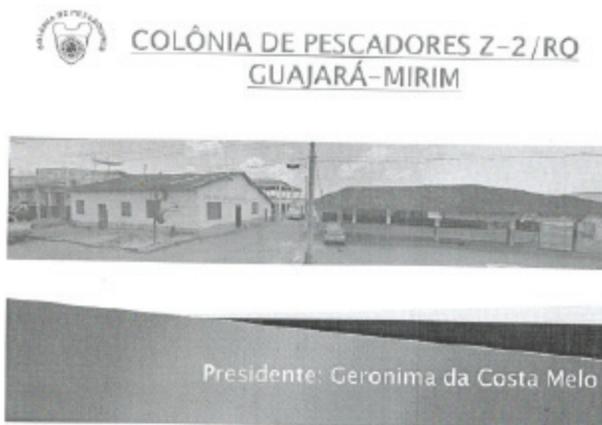
Resultado:

- Conseguiram um caminhão que faz a coleta dos materiais recicláveis, mas, os materiais ainda ficam nas casas dos catadores, porque ainda não tem o galpão de seleção.

INICIATIVA COLÔNIA DE PESCADORES Z-2 - GUAJARÁ-MIRIM – RO

28

Histórico e contextualização



No dia 08 de abril de 1982 foi fundada a Associação dos Pescadores de Guajará-Mirim. Com o compromisso de credenciar os pescadores da região para exercerem, regularmente, a atividade das pesca, a fim de alcançar melhores resultados para pescadores e pescadoras. Em 1985, de associação passou à Colônia de pescadores de Guajará-Mirim E-2.

Hoje, é a única colônia no estado de Rondônia que possui plano de manejo do pirarucu, já que a pesca do peixe é proibida no Estado, e, para fazer, é necessário autorização da prefeitura que exige vários documentos, incluindo o plano de manejo.

Em 2014, com o desastre de alagamento na sede da colônia de pescadores, muitos materiais foram danificados, como computadores, livros de formação em informática dos/as filhos/as dos pescadores/as, levando os pescadores até realiza-

rem um contrato de parceria com a usina de Jirau- ESBR.

A comunidade, hoje, continua suas atividades, mantendo sempre comprometido o espírito crítico de parcerias e como melhor apoiar a vida comunitária.

29

Vida compartilhada

Em 2018, a comunidade passou, novamente, por um alargamento, desta vez, atingindo ainda mais famílias. Segue em quadros, um pouco das narrações dessa experiência.

- 5) Daudicéia Rodrigues - Everaldo Silva Costa
Mãe e Trabalha num restaurante do pai dele colocam a geladeira, fogão e o freezer em cima das mesas e a cama em cima de alguns tijolos e madeira, dormem lá e passavam parte do dia na casa do pai dele. Não receberam ajuda e nem visita do defensor civil.
- 6) Francisco Inuma + Maria do Carmo
Aposentado - 05 pessoa na casa 4 adultos 1 criança, não saem, moram no bairro Anicadao na casa, para cuidar, pois se possuem os locutores lavaram toda madeira da casa como fizeram em 2014. Tem filhos mas pediram tudo, receberam água do defensor civil.
- 7) Francinete + Edilson
Pecador não pai da casa, não tem ajuda vive de bico. 06 pessoas na casa 3 adultos 3 crianças, AV Estevão Pereira 121 - Tranquilo.
- 8) Manoel Aposentado - Maria Jozinho
não pai da casa.
- 9) Francisco Aposentado - Maria Jozinho
não pai da casa.
- 10) Michele + Clide
Foram morar com seu Manoel até a água baixar. Vive da pensão do Manoel. Tem 2 crianças. Receberam água e os custos da conta (394,20)

Proposta de ação:

- Fazer palestras, manter as rodas de conversa na comunidade, conscientizando, sobretudo, para não jogar lixo nos rios.

Força:

- Consciência coletiva de que não se pode desmatar, e tem que preservar a vida do rio e o ciclo dos peixes, assim a natureza sempre vai de manter viva.

Resultado:

- Organizarem-se para gerar renda de maneira coletiva, comunitária, e fortalecer a comunidade no todo.

INICIATIVA ATELIÊ MENINA DA ROÇA – HUMAITÁ - AM

Histórico e contextualização

Organizado e formado por 20 pessoas, a maioria delas mulheres, conta com alguns homens. O ateliê tem quatro anos de fundação. Conta com a parceria da Cáritas, e tem seus valores e forma de organização fundamentada da economia solidária. Além de ser uma atividade para geração de renda, pauta desafios da cultura do machismo local e luta pelos direitos das mulheres.

Vida compartilhada, propostas de ação, forças e resultados:
Com base no próprio texto da comunidade, podem ser con-
sideradas no texto a seguir:



CÁRITAS

PROGRAMA NHANDEREKO-HÁ DE CONVIVÊNCIA COM A AMAZÔNIA

2. CONTANDO HISTÓRIAS DE VIDA (Pedir para as pessoas contar um pouco das coisas mais importantes da história de sua vida, organização de comunidade, organização social, arte, desafios, dificuldades, conquistas, perspectivas de futuro...)

O ATEIHER MENINA MOÇA NASCEU COM UM GRUPO DE MULHERES, SEMPRE GATAS E NECESSITADAS DE MELHORAS DE RENDA DE SUAS FAMILIAS E INCLUSÃO SOCIAL.

FAZ PARTE DO GRUPO: 20 participantes sendo 70% composta de mulheres.

Nesse primeiro trabalho, iniciou de uma parceria com a Cáritas, que investiram em nossa potencialidade dando a oportunidade de trabalhar no ramo das costuras e do artesanato.

ORGANIZAMOS UM GRUPO DE PESSOAS COM HABILIDADES, pois somos pessoas que aprendemos a manusear as máquinas de costuras e as mãos, os conhecimentos e técnicas, tendo como o foco principal a inclusão e a mercede de trabalho.

Nossa principal diretiva é desenvolver competências pessoais e produtivas na área de moda, com elaboração de peças originais e exclusivas para criação de coleções, orientadas a partir de uma metodologia qualificada e renovada através de atualizações, elevando a auto-sustentação de mulheres residentes no município de Bomalva, AM, na perspectiva de fortalecer o desenvolvimento de uma nova cadeia produtiva local, através de ações com a CÁRITAS e a Cooperativa de Trabalho de Mulheres Unidas de -

INICIATIVA AGRICULTORES DO SERINGAL ICURIÃ COMUNIDADE INDÍGENA MANCHINERI – ASSIS BRASIL- AC



Histórico e contextualização

A comunidade Seringaral Icuriã é formada por várias famílias, e, bem próximo, está a comunidade indígena manchineri. É uma experiência bem particular, pois reúne dois modelos de vida da Amazônia. Em média, participaram das rodas de conversas cerca de 20 pessoas. Em contagem, ambas comunidades devem reunir cerca de 100 pessoas.

Tem boa parceria para animar a caminhada e defesa dos direitos da comunidade: a Cáritas São Paulo Apóstolo, SEA-PROF e a juventude da Cáritas.

Vida compartilhada

Reunidos para roda de conversa, o grupo comentou que é possível amar mais vivendo em harmonia com a natureza, aprendendo a produzir sem agredir a floresta, motivo pelo qual entenderam que seria preciso organizar a comunidade e criar condições para uma boa relação entre seringueiros e indígenas. Segue alguns destaques:

D. Maria, uma das participantes, falou que um dos gestos concretos é a utilização de técnicas de preservação dos recursos naturais, como água e solo, nos processos de produção, evitando o empobrecimento do solo e a abertura de novas áreas, a partir dos desmatamentos. Sr. Ademir ressaltou que a disponibilização de uma máquina para preparo e manejo do solo já explorado, bem como a presença permanente de técnicos que acompanhassem a utilização de técnicas alternativas de produção, iriam evitar novos desmatamentos.

A roda de conversa ajudou a trazer o testemunhado pelos moradores de ambos os grupos sobre a cordialidade na relação social entre os agricultores do Seringal Icuriã e os índios da Comunidade Manchineri, onde os indígenas têm o Seringal como um ponto de apoio para compra de mercadorias, e acesso aos carros de frete para seguirem até o município de Assis Brasil. Da mesma forma, os moradores do Icuriã são convidados e participam da vida social e cultura dos índios na sua comunidade. Quando se perguntou como trabalhar no sentido de formar novas lideranças capazes de reaprender com os povos da floresta? A partir desse questionamento, os índios passaram a ficar mais à vontade, e começaram a interagir de forma espontânea, ressaltando que na aldeia não existe esse problema, pois dos novos aos mais velhos todos se interessam pelos conhecimentos indígenas e da floresta, e pelas responsabilidades da tribo.

Propostas de ação:

- Reunir um maior número de moradores das comunidades, superando a distância entre as propriedades e a aldeia indígena. A distância é um desafio a ser superado.

Força:

- Os grupos concordaram em refletir e corrigir alguns pequenos hábitos que prejudicam a boa convivência com a natureza, como, por exemplo, atear fogo no lixo produzido, tentando assim, diminuir a liberação de gases no ambiente.

Resultado:

- Os grupos comentaram que a melhor maneira para conhecer mais experiências na Amazônia é aprendendo e compartilhando bons hábitos de convivências com outros povos e comunidades, de tal forma que todos cresçam preservando o Projeto da criação de Deus.

INICIATIVA GRUPO DE PRODUTORES ECOLÓGICOS DE HUMANITÁ - PORTO ACRE - AC

Histórico e contextualização

Um caminho de anos foi sendo realizado para aprofundar as capacidades da comunidade. De tal modo, que no entendimento das pessoas, bom exemplo disso foi a mudança do convencional para o orgânico, a partir de 1998, a máquina de plantar arroz foi a primeira vista por Sr. Adalberto, seringueiro

dos primeiros a chegar ao local e que ainda permanece (história viva).

Com a máquina, Sr. Adalberto diz que ganhava tempo e não precisava de tanta gente para atuar no plantio do arroz (conta que era ele, a esposa e um filho antes da máquina manual). Houve também significativa mudança climática, quando, antigamente, escolhia-se o dia mais quente para queimar (antes de se tornarem ecológicos).

Pensando climaticamente, entendem que a temperatura aumentou porque a mata diminuiu com a ação do homem. Antes, escolhia-se o que queimar. Hoje, não se pode mais, porque se colocar fogo em um determinado local acaba queimando tudo em razão do calor. Além disso, a terra fica mais ácida. A comunidade ainda tem observado que se tem pouca castanheira, precisam plantar mais.

Organizam-se, nos últimos anos, em torno de 20 pessoas, buscando resultados que garantam a unidade com a história feita e, sobretudo, com a sustentabilidade local. Sempre em parceria, lembram-se dos projetos citados, como o do Seringal Icuriã, da Escola Família Agrícola Jean Pierre Mingan.

É um projeto que reafirma a necessidade de lutar por novas oportunidades: a) Para os jovens terem oportunidades de fazer cursos técnicos na cidade e voltarem para o campo; b) para que possa ser levados para comunidade outros cursos; c) Com o esforço de manter a tradição de permanecer na terra e dela cuidar; d) Com base nas tradições comunitárias a ser transmitidas para as crianças e jovens.

Vida compartilhada

O Sr. Laudino partilha, com sua poesia e vida, como é sentir-se membro dessa comunidade de pessoas ecológicas. Seu testemunho é um compromisso com a vida e anima a comunidade.

LAUDINO JOSÉ DOS SANTOS
EU ERA UMA SEMENTE
QUE O VENTO, LEVOU, ENTÃO
À TERRA MIM CUBRIL E O TEMPO
PASSO. ASSOVIADO O VENTO
A CHUVA CHEGOU, UM BROTO
VERDINHO DA TERRA PRATO.
DEPOIS VEI O CALOR DO SOL.
ELE CRECEU E AUMENTO.
DEU FRUTA E BOAS SEMENTES
E AMÃE TERRA GERMINOL
MULTIPLICANDO AFLORETA
TUDO SE REALIZOU

Sr Laudino

Propostas de ação:

- Investir nas crianças e jovens, filhos de produtores rurais, para receberem a educação adequada para o cuidado da terra e manter os costumes, e, quando jovens, qualificar-se e aplicar os conhecimentos na terra onde moram;
- Garantir o testemunho dos seringueiros do tempo da alta produção de seringa. A história mantida ao vivo fortalece ainda mais a ideia de mantermos a tradição e plantar essa espécie;
- Preservar a castanheira;
- Manter a organização do grupo para não se perder ao longo do processo;
- Contribuir com produtos orgânicos para o bem estar de

- todos/as, produzindo sem agrotóxicos para o mundo;
- Potencializar a produção orgânica;
 - Capacitação para a melhoria da produção;
 - Preservar os igarapés e ambientes.

Força:

- Realização de intercâmbios na troca de experiências e poder trazer algo novo e diferente para o grupo de famílias de agricultores;
- Capacitação profissional e social (convivência, gestão, planejamento);
- Confecção de sabonetes artesanais.

Resultado:

- Experiências fortalecidas e com o desejo de que outros sigam a iniciativa de uma ecologia integral, promovendo o bem de todos/as.

INCIATIVA ASSOCIAÇÃO POLO AGROFLORESTAL DE MÂNCIO LIMA – MÂNCIO LIMA – AC

Histórico e contextualização

A associação Polo Agroflorestal de Mâncio Lima, fica na diocese de Cruzeiro do Sul, no estado do Acre. Conta, hoje, com 14 participantes ativos. A comunidade nasceu de iniciativa do governador Jorge Viana, com o oferecimento de lotes para construção das trinta primeiras casas. Esse apoio para construção seguiu-se com benefícios para alimentação. Depois das

casas feitas, foram entregues com reorganização do espaço em terras iguais para cada família. Com o passar do tempo, e apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) constitui-se a associação.

O governo, à época, entendia que a terra teria condições favoráveis para o plantio da mandioca, mas, isso se mostrou inviável. Após análises de solo, notou-se que era mais adequada para o cultivo da cana, hortaliças e frutas. Depois disso, a associação buscou outras formas de produção, com foco na geração de renda. A iniciativa, porém, não tem se mostrado muito atrativa, e as pessoas não estão fazendo esforços para manter a organização do plantio. O que apresenta um desafio enorme para comunidade.

Vida compartilhada

A partilha de vida, como a que segue, mostra a dimensão das narrativas sobre o olhar de alguém da comunidade, sobre seus processos de mudança pessoal, ao redor e também da sua visão para organização.



CÁRITAS PROGRAMA NHANDEREKO-HÁ DE CONVIVÊNCIA COM A AMAZÔNIA

4. EXPERIÊNCIAS DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL DESENVOLVIDAS NO COTIDIANO PARA ENFENTAR DIFICULDADES PELA COMUNIDADE EM RAZÃO DAS CONDIÇÕES SOCIAIS, ECONÔMICAS, CLIMÁTICAS, TERRITÓRIAS E TECNOLÓGICAS. (Como começou, quem faz/faz parte, tempo de existência, dificuldades, desafios, ameaças, forças e oportunidades, condições da época e condições atuais, conquistas...)

A Sr Manoel Mata falou que foi iniciativa do governador Jorge Mello, quando ele chegou pela primeira para governo no ano de 2001. O intuito era resolver os problemas da organização dos municípios, por isso foi criada a Fundação para o Sudeste de sua família. Tudo isso por causa que o alto da serras, tinha acabado da época da construção. Associação participou a tempo de moradores o tempo de existência e de 15 anos encontramos muitas dificuldades, como construção das casas para as 30 famílias, a área plantada, falta de ajuda para abrir o CPT, etc. Com isso foi muito grande o desafio, mas com a ajuda de muitos não conseguimos nada. Sem pontos nem atividades, então o governo nos ajudou muito, desde o local, a construção e alimentação. Se entramos com a map de obra, comparando com o início de tudo, conseguimos muita coisa. Depois veio a CPT, que nos ajudou a fazer a associação. E hoje temos também muitos outros...

Proposta de ação:

- Atuar de maneira propositiva para “reencantar” a comunidade para organização da associação, e pensar meios para que possa continuar apoiando iniciativas na comunidade de sustentabilidade e pertença com o lugar.
- Buscar recursos e tecnologias sociais para reavivar a comunidade com propostas concretas, a fim de continuar tirando do próprio trabalho a subsistência.

Força:

- A história da comunidade, a presença dos primeiros membros, a esperança de algumas pessoas para não deixar o desânimo levar ao fechamento da associação.

Resultado:

- A constituição da comunidade, ao longo dos anos, e adesão de jovens no processo. Eb, recentemente, a parceria com a Cáritas.

INCIATIVA FUNDAÇÃO MENINO JESUS – CRUZEIRO DO SUL – AC

Histórico, contextualização e Vida compartilhada

A história da vida da Fundação Menino Jesus, teve sua gênese em 1º de janeiro de 2003. Tudo começou em um projeto com a colaboração das líderes da Pastoral da Criança.

Com as visitas feitas pelo Pe. Heriberto, notou-se que existiam muitas crianças com deficiência, em sua maioria física. Era preciso fazer algo!

As atividades começaram e o que tinha sido previsto para 6 meses - de atividade de conscientização sobre a deficiência e aceitação das famílias, para que pudessem elas mesmas assumir que a deficiência não é doença, que não deviam sentir vergonha por isso- completou 16 anos de missão.

Da missão à instituição, existem 8 pessoas trabalhando diretamente no projeto, remuneradas, auxiliando as famílias e dando apoio às crianças com deficiência, na promoção e garantia dos seus direitos. Tem como desafio a garantia do orçamento estreito, esse atendimento pode ficar frágil ou inviável.

Propostas de ação:

- Ampliar a ação com mais colaboradores e potencializar a mobilização e captação de recurso para continuar com atendimento direto às crianças e aos adolescentes com deficiência.

Força:

- Parcerias institucionais, como Cáritas, Universidade Federal do Acre e os doadores internacionais, em especial alemães.

Resultado:

- Atualmente, atende 150 crianças, mensalmente, e mais todos os adultos envolvidos no projeto e com a luta pelo direito das crianças com deficiência, conscientes.

**CÁRITAS NA AMAZÔNIA - REGIONAL NORTE
1 ESTADOS DO AMAZONAS E RORAIMA**



NÚCLEOS DE PROTEÇÃO E CONVIVÊNCIA COM A AMAZÔNIA

42

Seguindo os igarapés, as Cáritas presentes nestes estados, realizando um projeto piloto base por meio das rodas de conversa, com ousadia e mobilização, chegaram a consolidação de um novo modelo de agrupamento para consolidar grupos iniciados, ou mesmo dar início a novos espaços, constituíram os Núcleos de Proteção e Convivência com Amazônia – NUPCA.

O NUPCA foi avaliado e sistematizado no Seminário sobre “boas práticas” de convivência com a Amazônia, realizado entre os dias 14 a 16 de setembro de 2018 e contou com a participação de 19 representantes de cinco núcleos provenientes de 05 iniciativas, definidas como Núcleos de Proteção e convivência com a Amazônia – NUPCA, nas Dioceses de Parintins, Roraima, Coari e Manaus.

Os objetivos do Seminário de “boas práticas” de convivência com a Amazônia foram:

- a. Aprofundar a incidência e organização comunitária para proteção e convivência com a Amazônia;
- b. Realizar levantamento de conteúdo para elaboração do Caderno de Experiências de Convivência com a Amazônia;
- c. Organizar a publicação dos resultados do projeto.

O Seminário de “boas práticas” pautou-se na metodologia de constituição dos NUPCA, chamada REMO - Reaprender, Educar, Monitorar, Ouvir:

- Reaprender para proteger;
- Educar para conviver;
- Monitorar para proteger e conviver;
- Ouvir a floresta e seus povos.

O Seminário de “boas práticas” de convivência com a Amazônia também reuniu instituições parceiras da Cáritas como o Serviço Amazônico de Ação, Reflexão e Educação Socioambiental - SARES, a Universidade do Estado do Amazonas - UEA, o Instituto de Preservação Socioambiental Sumaúma, e organizações indígenas, que compartilharam suas experiências como forma de reafirmação dos resultados do NUPCA.

Dessa forma, o seminário abriu espaço para apresentação das iniciativas acompanhadas pelo Projeto NUPCA e a apresentar cada uma com suas particularidades e riquezas de detalhes para inspirar e orientar novas possibilidades.

INICIATIVAS DE NUPCA

NUPCA ARTES REGIONAIS CUIDANDO DO AMAZONAS: AMAR, RECONHECER E CONVIVER

Histórico e contextualização

O NUPCA Artes Regionais Cuidando do Amazonas: amar, reconhecer e conviver está localizado na periferia de Manaus.

Iniciou suas atividades em 14 de julho 2014, com 5 pessoas, sendo 4 jovens e 1 adulto, fazendo artesanato, colares em sementes. Além disso, para garantir a sobrevivência do grupo, foram produzindo salgados e sucos naturais para comercialização. Com base nisso, pode-se compreender a fala do Sr. Odilio Nazario Maricaua, de 63 anos, da região de Tonantins, às margens do Rio Solimões. Ele participou do MEB – Movimento de Educação de Base, hoje, mora na periferia de Manaus e participa das CEBs. Falou da sua experiência por estar participando no Núcleo.

Vida compartilhada

"É a primeira vez que participo. Me convidaram e achei importante participar. Nosso projeto é preservar a nossa casa comum. Temos que cuidar um com o outro, não só com as florestas, mas com a gente também. A natureza é minha casa onde eu convivo. Muitos vêm para explorar. Nós como índios temos que preservar porque é da terra, da natureza que vem o cará a batata que é nosso alimento, e não pra vender... É bom abrir horta na beira do Igarapé. A água depende de nós e nós dependemos dela. Jogar árvore dentro d'água faz mal. O animal morto faz mal pra água, temos que cuidar, não pode destruir. Se nós acabar, vai acabar com nós. Tem muita madeira que é de lei e dá muito dinheiro. Nossa área é preservada. O cuidado com a natureza é importante. Aqui na cidade é diferente, é bom fazer um cantinho de verdura. Valorizar o que nós temos".

Seu testemunho ainda destacou que são muitos os desafios para o cuidado da casa comum: invasores que retiram a madeira que gera conflito; homens que chegam e jogam a rede e pegam qualquer animal de caça; o governo que não faz a demarcação de suas terras.

Propostas de ação:

- Criação da árvore genealógica na comunidade Indígena Cokama;
- Organizar a horta comunitária na escola indígena;
- Sobre o Lixo na rua, combinado de dar exemplo concreto de cuidado pode ser boa prática que poderá influenciar para que todos façam o mesmo. O bem dá resposta de mais um bem;
- Redução do consumo de refrigerante;
- Continuar com atividades com crianças, valorizando a importância da presença de crianças nos encontros de formação sobre cuidado com a casa comum.

Forças:

- Temas das rodas de conversas, as entrevistas, Participação de comunidade Indígena e das crianças.

Resultados:

- Renovação da Esperança, transformação das práticas, mudanças, aprendizagem da troca de experiência, sensibilização, compromisso, responsabilidade, amor.

NUPCA MOCAMBO DO ARARI

Histórico e contextualização

Núcleo de Proteção e Convivência com Amazônia - Mocambo do Arari, Diocese de Parintins, Comunidade São João Batista, lago do Mocambo do Arari. A história teve seu início

quando Miguel Costa, comunidade do São Tomé, em 2016, conversou com irmã Lúcia e a motivou e, em seguida, com a equipe da unidade básica de saúde Ilarina Reis, realizando uma ação de limpeza na orla e no lago, envolvendo todas as entidades, em 19/09/2017. Em conversa com Miguel, as ideias foram amadurecendo para criar o projeto de sensibilização sobre a seleção dos resíduos recicláveis e não recicláveis, até a volta do Manuel e Miguel, pois irmã Lúcia os convidou para Oficina inter-regional, em Manaus. Quando chegaram, reuniram-se, já com a notícia da Caritas abraçando e apoiando o projeto, no dia 30/05/2018, em reunião com Fernanda e todas as entidades da comunidade, comparecendo 50 pessoas. Depois desse dia, foi marcada a visita técnica de Alfa de Jesus Martins/Caritas N1, em 11/06/2018, confirmando as estratégias para continuar as rodas de conversa.

Vida compartilhada

Miguel Teixeira da Costa, animador do Nucleo Mocambo do Arari, morou 26 anos em Manaus, retornou ao Mocambo do Arari, e encontrou uma realidade bem diferente. Muita poluição no rio e na rua. Em 2016, pela Campanha da Fraternidade sobre a casa comum e guardar a criação, ele e a comunidade sentiram-se provocados a assumir um gesto concreto na comunidade. Iniciaram com limpeza as margens do rio. Ir. Lucia chegou à comunidade e apresentou a proposta da Caritas que tem no seu objetivo de Cuidar todas as formas de vida. Através disso, a comunidade foi realizando ações de cuidado do rio - Lago do mocambo. A comunidade tem 15 mil habitantes com 5 comunidades. Carmem, moradora no Mocambo, fala de sua experiência e diz que ficou fora da comunidade 32 anos. Quando retornou, abraçou a causa de cuidar do meio ambiente. Trabalha na área da saúde e sente que a comunidade precisa higienizar o ambiente. Afirmou que, ao retornar, viu que não tinha mais banana, frutas na comunidade. Estudou e fez curso superior – serviço social. Hoje é Assistente social na comunidade, na área da saúde. Carmem

continuou sua fala dizendo que as rodas de conversa contaram com 52 pessoas. Jovens, adultos, evangélicos, o padre, crianças e os participantes foram motivados para cuidado dos lixos. Foi um encontro animado e todos comprometidos. A primeira ação foi de fazer limpeza, plantar flores em garrafas pet, calçadas, potes. As lixeiras viciadas se colocou placa para conscientizar. Foi utilizado tudo para arte.

Forças:

- Parceiros comunitários, secretária Municipal de saúde, U.B.S. ILARINA REIS, secretária Municipal de limpeza pública e alguns comerciantes, 5 pessoas envolvidas.

Resultados:

- Impactos ambientais: pessoas já procurando não jogar lixos em qualquer lugar; incidência: foi realizado uma ação, em 08/09/2018, com experiência de uma senhora que guardava as caixas de leite, sacos de geladas, perfumes e alimentos perecíveis.

NUPCA INCOMODA.COM - ITACOATIARA

O núcleo está localizado em área rural. Fica localizado a uma hora e meia do centro de Manaus. O local é bonito, muitos lagos, com 4 mil pessoas. Surgiu através de roda de conversa e com reflexão e questionamento de como cuidar da Amazônia. O grupo colocou o nome *INCOMODA.COM* no desejo de provocar a comunidade para o cuidado. "Queremos incomodar mesmo, pois as nossas ruas e lago estão muito cheios de lixo".

A intenção do grupo é de orientar sobre a convivência. Muitos não aceitam a conscientização. O grupo começou a

motivar para ir ao mercado com sacolas de pano ou outros materiais e incentivar para fazer compra de produtos que têm menos degradantes. *Incomoda.com* foi pesquisando na internet informações sobre esta questão do cuidado. Entendeu que tudo está interligado com a informática, onde encontramos aprendizados de coisas boas e coisas ruins, por isso *incomoda.com*.

O grupo tem a participação de crianças e 9 pessoas adultas. Os Desafios: a falta de participação das pessoas; A necessidade de orientar, conscientizar para se comprometer e compartilhar a experiência deste projeto que é importante para nossa casa comum. Mesmo com público diferenciado, nem todos chegam à terceira roda. Tem-se o desafio do saneamento básico, o esgoto na rua. A escola joga esgoto na rua e tudo vai para o lago.

Resultados:

- Troca de conhecimento, relato de vivências da infância, o de cozinhar no fogareiro a lenha. "Fizemos cenário, cartazes, plantas, recipientes de plástico... Foi mostrado do que se pode fazer para reaproveitamento no cuidado do ambiente. Muitas pessoas foram convidadas. Vieram 25 pessoas. Na escola, professores já assumem o cuidado do limpar, cuidar. Na terceira roda, participam mulheres de Boa Vista que atuam com material (economia Solidária). Um agrônomo se interessou pela proposta do NUPCA.

Segundo relato da comunidade: "O trabalho é grande a ser realizado no local. Precisa criar grupo de reciclagem. Já estamos fazendo bolsas de capa de sombrinha, sabão ecológico, artesanato utilizando Garrafas pet, garrafas de azeite, borra

de café, crochê, sementes de açaí, garrafas de cerveja, filtro de papel. Além de cuidar do ambiente e conscientizar, visamos a sustentabilidade do grupo e do núcleo. O rio quando abaixa aparece muito lixo. Os prejudicados são os pescadores. Queremos fazer parceria com outros grupos com a Oca do Conhecimento e Igreja. Vamos fazer rodas de conversa com os pescadores e comunidade Bela Vista. Reaproveitamento de material reciclável. A semente do REAPRENDER não ficou só em nós, mas vai se espalhando. A semente boa precisa ser espalhada para ter um mundo melhor. Isso vai ficar para nossos filhos e netos. Uma vai levando a outra. Me sinto muito envolvida no projeto. Quando morava em Coari, fazíamos coleta de alimentos como Caritas. Nesta mesma coleta, fazia-se levantamento de quem mais precisava. Fomos aprendendo no grupo. O NUPCA, aqui em Puraquequara, ficou conhecido, porque fomos falando nas missas, associação, escolas, do objetivo do grupo. Nas escolas se arrecada as pet”.

“APRENDEMOS que TUDO é possível, nada se perde, mas precisa de criatividade e vivenciar do que se fala. A nossa união ajudou a enfrentar muitas coisas ruins. Puraquequara é grande lago, grande porto para integração via Amaricaca. Surgiu a proposta de criar um projeto de integração que estaria prejudicando a comunidade, os ribeirinhos moradores na região. O comércio lutou contra este projeto. A Caritas veio para somar com as comunidades para que isso não acontecesse. Temos uma das últimas colônias de pescadores nesta área. Precisamos pensar a relação dos pescadores na luta dos lagos”.

“Conhecer as historia de convivência, as recadeiras, agentes ambientais de ervas. Os projetos NUPCA tem relação e tem sentido para nós nesta área. Está ligado com a prática da Economia solidária. Ajuda na renda familiar. Fortalecimento da comunidade. A Troca de saberes, conhecimento das ervas para reafirmar, reconhecer. Acreditar nas curas das ervas”.

“Além de lidar com lixo, insistimos em produzir menos lixo, com atitudes simples utilizando sacolas de pano. Mas fica a pergunta ‘como lidar com o lixo?’ Precisamos criar consciência. Trabalhar também na catequese, educar as crianças para isso. Fazer sacolas de pano para ir ao mercado. Canudinhos fazem muito mal ao meio ambiente. Assumir práticas ecológicas.”

NUPCA TERRA VIVA - BOA VISTA

Está localizado em um bairro na periferia de Boa Vista (RR).

Teve dificuldade de realizar as rodas de conversa. A Cáritas toda voltada para a migração. A agente Cáritas Vanuzia está bastante empenhada com muitas atividades e grupos. Aprendeu-se com o que foi falado aqui e poderemos realizar no grupo as rodas de conversa. Iranilson, participante do núcleo Terra Viva, afirmou “trabalho há 7 anos no Terra Viva, em Roraima”. Foram retirados do aterro e organizaram um grupo com barraco. “Retiramos os resíduos que podem ser reciclados. A cobertura do galpão, barracão não e confiável. Retiramos papelão em supermercados. Recebemos apoio da Cáritas para aterrar o local que alagava. Precisamos apoio da prefeitura para qualificar nosso trabalho. O aterro sanitário po-

deria gerar energia para RR. Tudo contamina o solo. O lixo dá muito dinheiro”.

Desafio:

- Retomar a animação do grupo, para realizar as rodas de conversa; Provocar a prefeitura para apoio e qualificar o trabalho.

NUPCA NOVA ESPERANÇA - MANACAPURU

A questão da Política partidária interferiu no andamento do grupo. Não foi possível realizar as rodas. São 9 pessoas que fazem parte do núcleo, voltadas para agricultura familiar com consciência de cuidar na subsistência familiar.

Desafio: Dentro do grupo tem-se pessoas que não assumem a proposta do consumo consciente, somente o consumo.

NUPCA PRESERVAÇÃO DO LAGO DO PUCU - ANORI

Sonia Maria Viana Xavier, agente Cáritas na Paroquia de Anori, Diocese de Coari, colocou a luta pela preservação do Lago do PUCU. Está localizado à uma hora e meia da sede do município de Anori. Há mais de 40 anos, a região existe como lugar habitado por várias famílias. Já foi seringal nos tempos da borracha. Atualmente, são 6 famílias, em torno de 20 pessoas, que residem no local. Há uma associação comunitária que envolve também ex-moradores. Quatro atividades são desenvolvidas: 1) a agricultura de subsistência; 2) a pesca ar-

tesanal, sem arrastão e malhadeira; 3) a colheita do açaí que acontece entre os meses de fevereiro e maio; 4) e a Coleta da castanha em janeiro e fevereiro.

A história de luta, para preservar a área, vem desde esses 40 anos, quando várias pessoas da região foram acometidas pela hanseníase. Alguns moravam na área e não podiam sair dela por não serem acolhidos na cidade, devido ao medo da contaminação. Outros eram enviados para lá como local de isolamento. Diante desta situação de doença, as Irmãs Franciscanas ofereceram uma casa de acolhida.

Desde esta época, os moradores se organizaram para preservar “o peixe nosso de cada dia”. Ouve muitas reações por parte dos moradores da sede do município e dos praticantes da pesca predatória vindos de outras localidades: moradores da cidade de Anori, que não aceitavam a presença deste público; a casa de acolhida que foi destruída. A reação dos moradores do lago, que apreendiam os utensílios da pesca, quando pescadores invadiam a área sem comunicá-los. Resultou em consequências que perduram até hoje, muitos processos na justiça contra os moradores por não aceitarem a depredação da região.

Impacto desta luta pela preservação: Reconhecem ter pouco dinheiro, mas o lago e a área fornecem, o suficiente para sua sobrevivência, segundo depoimento do sr Clovis. Entendem que a riqueza natural é incalculável financeiramente. O apoio nessa causa sempre e tão somente tem sido da Igreja, paróquia Imaculada Conceição, hoje, com apoio de Pe. Raimundo Gordiano. Os líderes são famílias de Francisco Clovis Gomes e Maria Lopes da Silva. Como pescadores que preser-

vam o lago, participam da Colônia de Pescadores e Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Hoje, moradores do município pescam no lago, mas respeitando a questão da preservação.

Desafio:

- Muita insistência na exploração econômica do lago PUCU;
- Mentalidade de pessoas que não entendem o sentido da preservação e por isso enfrentam conflitos;
- O lago não tem reconhecimento legal, no município, como área de preservação e proteção ambiental. A área é relativamente pequena, mas tem sentido histórico que se torna espaço de bem viver para os moradores.

“Estamos na tentativa de legalizar a região para que os processos na justiça contra a comunidade sejam resolvidas”.

As rodas de conversa e a organização de Núcleo de Proteção e Convivência com a Amazônia estão sendo uma forma de apoio ao grupo para a resistência e cuidado da preservação do lago PUCU.

A semente Cáritas está sendo plantada na comunidade e está ajudando a continuar na luta de preservação e unificar os conhecimentos para cuidar do bioma. O NUPCA é uma forma de dar visibilidade a esta comunidade. O lago existe e precisa ser preservado.

CÁRITAS NA AMAZÔNIA - REGIONAL NORTE 2 ESTADOS DO AMAPÁ E PARÁ



INICIATIVA CRIAÇÃO DE PEIXES EM TANQUE ESCAVADO COLETIVO JUVENTUDE E SUSTENTABILIDADE – ILHA DO MARAJÓ – PA

Histórico, contextualização

A ilha do Marajó, onde está situada a prelazia do Marajó, tem particularidades étnicas fabulosas e paisagens deslumbrantes. Com particularidades singulares do pluralismo mistagógico na ilha, que além de católicos romanos, nota-se a presença forte da mística e cosmovisão indígena.

Situada no estado do Pará, está banhada pelo Rio São Francisco, Amazonas e o oceano atlântico. Aí, porém, emerge um cenário de muitos desafios sociais e políticos. E para enfrentar limites, que afetam em especial a juventude e a geração de renda, organizou-se o coletivo juventude e sustentabilidade, criando peixes em tanque escavado.

Atualmente tem 17 membros atuando no projeto, sendo sete mulheres e dez homens. E atuam há dois anos.

Vida compartilhada:

Quando perguntado sobre como melhorar a convivência com a Amazônia, o grupo responde partilhando como a vida pode ser melhor, exercitando o cuidado.

Na comunidade de acordo com o grupo participante existe a ancestralidade que ajuda a cuidar da natureza, a preservar, também ajudam a chamar a atenção e respeito das lideranças da organização da comunidade. Neste sentido, essas experiências referem o desejo de falar da natureza em si, cuidar de outros rios, cuidar da casa comum em todo sentido. Assim, para avançar na convivência com a Amazônia e caminho de uma ecologia integral seria buscando conhecimentos com as pessoas mais experientes, se reunindo com as famílias e ter uma conversa a respeito da ecologia integral, do cuidado com a natureza, se reunir com a comunidade e conversar para conhecer mais, ter mais consciência para o cuidado com a natureza e reparar os conhecimentos adquiridos dentro de casa.

Propostas de ação:

- Realizar o manejo de florestas, da criação de pequenos animais, desenvolver melhor o acompanhamento e luta pela efetividade de políticas públicas e manter espaços permanentes de formação da comunidade para organização comunitária e buscar de maneira conjunta as soluções.

Força:

- A motivação juvenil, parceria da Emater do município de Melgaço, permanente assessoria da Cáritas.

Resultado:

- Fortalecimento de experiências cotidianas que ajudam no enfrentamento das dificuldades comunitárias, pois é um sinal concreto que a comunidade pode se organizar, conviver melhor e fortalecer a luta pelos seus direitos.

INICIATIVA REPOVOANDO LAGO COMUNIDADE BO-QUEIRÃO – ALENQUER – PA

Histórico, contextualização

A Diocese de Óbidos, por meio da Cáritas Diocesana, desenvolve um trabalho de animação e fortalecimento de ações solidárias junto aos Grupos de empreendimento de Economia Popular Solidária nesta Diocese. O objetivo principal é ser um instrumento de informação, formação e divulgação dos empreendimentos de Economia Popular Solidária.

Desde aí, se pode acessar a experiência do grupo Repovoando lago na comunidade boqueirão, no município de Alenquer, onde as famílias desenvolvem a criação de peixe em tanque Rede. Uma experiência exitosa de convivência com a Amazônia, apoiada através do Programa Nhandereko-há de Convivência com a Amazônia.

Na comunidade, os encontros foram marcados por partilhas fortes da vida e de como a experiência de organização de repovoamento do lago tem gerado bons resultados. O senhor José Batista, um dos membros mais antigos da comunidade, partilhou como ele entende a Amazônia como "a casa comum".

O Senhor Israel, o primeiro coordenador do grupo repovoando lago, contou a história de como era possível andar na sombra seguindo o rio, e, hoje, com o desmatamento e, deu como exemplo a comunidade de Urucurituba que muitas famílias se mudaram da beira do rio devido à erosão das terras, ocasionadas na natureza pela ação do homem, incluindo membros da comunidade.

Quem antes desmatava, hoje, mais instruído, percebe-se que vem mudando essa visão que se tinha antes, tendo como objetivos reflorestar e povoar os rios. Mas, em maior escala e preocupação, falou-se da "barragem" da empresa POUPA DA AMAZONIA, que desmatou mais 10.0000 hectares de castanhas, onde as famílias sobreviviam da coleta natural.

O espaço desmatado se tornou uma grande plantação de açaí, sendo que para produção do capital, muitas famílias foram expulsas das suas terras, assim não bastasse, ainda permanece uma perseguição do Sr. Wacaro dono da empresa. O rio esta ameaçado pela construção da "barragem" para retirada de água para grande plantação de açaí.

Propostas de ação:

- Continuar realizando rodas de conversa com as crianças, os jovens e os adolescentes sobre a conscientização do planeta, para que no futuro eles possam aprender a preservar e cuidar do planeta e, assim, poderem viver com sustentabilidade.
- Formar um grupo que valorize os saberes dos mais velhos, e sobre como os ancestrais viveram e garantiram muitas coisas; e de tal maneira que ajude os mais jovens a darem continuidade à reza, consertar e ensinar a tecer peneiras, pois com o passar do tempo essas coisas vão desaparecendo.

Força:

- As culturas, os costumes e as tradições são coisas que podemos manter, passando de geração de em geração, e são vivas.

Resultado:

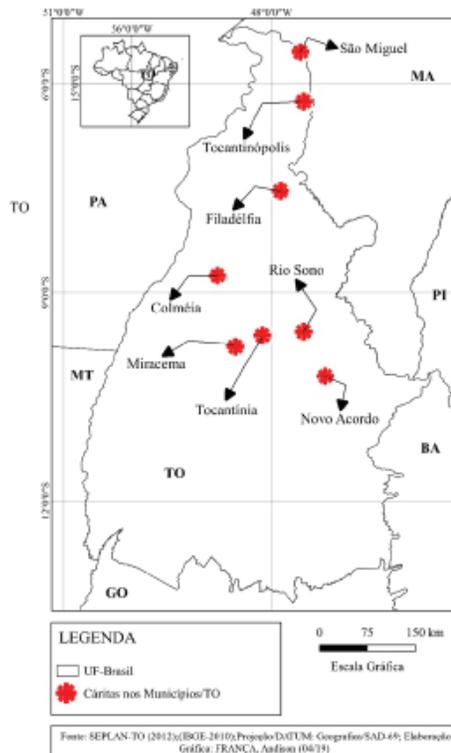
- O trabalho em grupo ajudou a comunidade a perceber que pode melhorar o modo de relacionar com a natureza e com os seus dons. De coisas que fez errado, e não fizeram quase nada, ainda podem concertar. Mas que ainda é tempo de mudar.
- Melhorou as capacidades de aprendizagens da comunidade; entendem que muita coisa veio muito tarde como aprendizado, e que envolver todas as famílias é fundamental.

**CÁRITAS NA AMAZÔNIA - REGIONAL NORTE
3 (ESTADO DO TOCANTINS, 1 DIOCESE DO
PARÁ E UMA PRELAZIA DO MATO GROSSO)**



Com base em um projeto piloto, a Cáritas no regional norte 3, no estado do Tocantins, realizou o mapeamento *Um olhar da Cáritas sobre os desafios e potencialidades das comunidades apoiadas pelo Projeto "no Caminho das Águas"*. O relatório apresenta uma sistematização a respeito da dinâmica de ocupação do espaço agrário/agrícola das Dioceses de Tocantinópolis, Miracema do Tocantins e Arquidiocese de Palmas, onde estão as comunidades apoiadas pela Cáritas Brasileira / Articulação Norte 3.

O Projeto *No Caminho das Águas* está presente em 14 comunidades de 10 municípios destas dioceses, como é possível visualizar na figura de atuação da Cáritas Regional Norte 3 no Tocantins.



Dos resultados desse mapeamento, parte é apresentado, a seguir, destacando os territórios tradicionais dos povos indígenas, quilombolas, das quebradeiras de coco babaçu, de camponeses posseiros e assentamentos. São comunidades tradicionais que estão sob a ameaça de grandes projetos desenvolvimentistas de infraestrutura, do agronegócio e da produção de energia.

As microrregiões que compõem o MATOPIBA no Tocantins, tais como o Bico do Papagaio, Araguaína, Miracema do Tocantins, Rio Formoso, Gurupi, Porto Nacional, Jalapão e Dianópolis (Embrapa, 2015), testemunham o aumento dos conflitos no campo com assassinatos, ameaças de morte e expulsão de famílias camponesas para favorecer as elites latifundiárias locais, assim como o grande capital nacional e estrangeiro.

Apesar disso, as comunidades e os povos tradicionais do Tocantins continuam fortalecendo suas teias de luta e resistência para garantir seus modos de vida tradicionais. É nesse contexto de conflitos e violações, mas também de resistências históricas, que a Cáritas desenvolve seu trabalho junto a essas comunidades.

TOCANTINÓPOLIS E CACHOEIRINHA - POVO APINAJÉ

Tocantinópolis é um dos mais antigos municípios do atual Tocantins, fundado em 1818, está distante a 570 km da capital Palmas. É localizado às margens do Rio Tocantins, fazendo divisa ao norte com o município de Maurilândia, ao sul com

Aguiarnópolis, Nazaré e Luzinópolis e ao leste com o estado do Maranhão. Tem uma população de 22.619 habitantes, sendo 80,98% no meio urbano e 19,02% no campo, sendo **1.676** indígenas. O município se encontra com o IDH-M considerado médio, mas a taxa de pobreza alcança cerca de 6.196 famílias, e 2.760 famílias são atendidas pelo Programa Bolsa Família (SEPLAN/TO, 2017). Segue no quadro a síntese dos dados socioeconômicos de Tocantinópolis.

TOCANTINÓPOLIS

IDH-M	0,681
PIB per capita (2014)	9.760,88
População urbana (2010)	18.318
População rural	4.301
População indígena	1.676
Índice de Gini	0,45

Fonte: IBGE (2010) e SEPLAN-TO (2017).

Dentre os elementos positivos, destaca-se, no município, a presença do povo indígena Apinajé, que contribui para a dinamização cultural com a vivência no território, a preservação ambiental, a língua, os artesanatos, a agricultura agroecológica, a religiosidade e os rituais. Todavia, essa riqueza cultural tem sido pouco valorizada pela população não indígena que vive no centro urbano.

O POVO APINAJÉ

63

O povo Apinajé tem o território tradicional às margens do Rio Tocantins, e faz parte do tronco linguístico Macro-jê e da família linguística Jê-Timbira. Por meio de muita luta e resistência, conquistaram a demarcação da Terra Indígena (TI) Apinajé, em 1985, localizada entre os municípios de Tocantinópolis, Itaguatins, Cachoeirinha, São Bento do Tocantins e Maurilândia. Apesar de demarcada com 141 mil hectares, uma parte do território, que é de uso comum dos Apinajé, ficou fora da demarcação e está sendo desmatada para o plantio de eucalipto. Hoje, essa porção do território é reivindicada pelos indígenas para que tenha revisão de limites pela Funai.

Foto: Família Apinajé/ Fonte: Arquivo Cáritas (2019).



PROBLEMAS E DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS POVOS APINAJÉ

64

Com a construção das rodovias Belém-Brasília e Transamazônica, os Apinajé foram um dos povos indígenas do Tocantins que sofreram com a política de desenvolvimento, pensado pelos militares para a Amazônia. Com a abertura das rodovias, intensificou-se o fluxo de cargas que passavam perto e dentro do território indígena aumentando também as invasões dos *kupen* (não índio) e o desmatamento ao redor do perímetro da demarcação. A rodovia Transamazônica interfere diretamente nas aldeias Cocalinho, Patizal, Palmeira e São José. Já as rodovias TO 126 e TO 134 também interferem nas aldeias Marizinha, Riachinho, Bonito e Botica (ALBURQUERQUE, 1999), e em novas aldeias que surgiram nos últimos anos como formas dos Apinajé reocuparem seu território e, assim, impedir a ação de caçadores, pescadores aventureiros, madeireiros e de grandes projetos que causam destruição e saqueiam a fauna e a flora.

São várias as ameaças aos povos indígenas, principalmente, com o atual governo federal que tem interesse em flexibilizar a exploração de mineração e agronegócio nas terras indígenas. Na TI Apinajé, as principais ameaças além do próprio governo federal, se dá por meio da expansão do eucalipto, através da empresa Suzano Celulose e da UHE de Serra Quebrada. Os principais impactos sofridos, atualmente, é o desmatamento para abertura de novas fazendas e plantios de eucalipto, a presença de caçadores, madeireiros e a falta de assistência pelo poder público municipal, estadual e federal em relação a

saúde, educação e manutenção das estradas que dão acesso às aldeias.

DIOCESE DE MIRACEMA DO TOCANTINS - COLMEIA - COMUNIDADE MATINHA

O município de Colmeia, foi criado em 1962 e está localizado a 206 km da capital Palmas. Faz divisa ao norte, com município de Itaporã do Tocantins e Pequizeiro, ao sul, com Miracema, Fortaleza do Tabocão e Goianorte, a oeste com Goianorte e a leste com Guaraí. Tem uma população em torno de 8.611 pessoas, sendo 2.795 famílias vivendo em condição de pobreza, com menos de ¼ do salário mínimo. Ao menos 912 famílias são atendidas pelo Programa Bolsa Família. Apesar do número de famílias empobrecidas, o município tem o IDH-M considerado médio, conforme demonstrado no quadro.

COLMEIA

IDH-M	0,671
PIB per capita	11.883,53
População urbana (2010)	6.370
População rural	2.241
Índice de Gini 2010	0,43

Fonte: IBGE (2010) e SEPLAN-TO (2017)⁴

⁴ Mais informações sobre o perfil socioeconômico do município de Colméia está disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/348436/>

COMUNIDADE MATINHA

66

A Comunidade Matinha tem aproximadamente 50 anos de existência e está localizada entre os municípios de Colmeia e Guaraí. Com cerca de 55 famílias, a comunidade tradicional foi formada por migrantes do norte de Minas Gerais, que entre as décadas de 1960 e 1970 se estabeleceram na região (CAMPOS, 2019), levando consigo suas religiosidades e tradições geraizeiras. As famílias vivem da agricultura familiar, da roça comunitária, do cultivo de frutas, hortaliças e da venda desses produtos nas feiras de Colméia, de Guaraí e de mais 10 municípios das proximidades.

Problemas e desafios

A comunidade ainda não possui nenhum tipo de regularização fundiária, a não ser por algumas famílias terem sido beneficiadas com o crédito fundiário. Também sofre com algumas fazendas que exploram a pecuária de corte e fazem o uso de agrotóxicos na limpa das pastagens, prejudicando a população e a produção agroecológica da comunidade. Em 2017, a comunidade foi declarada como parte do município de Guaraí, não mais de Colmeia. É uma mudança que pode alterar as condições de vida da comunidade para melhor ou aumentar as dificuldades enfrentadas por ela.

Potencialidades e resistências

A Comunidade Matinha possui duas associações, sendo uma delas a associação dos Pequenos Produtores Agro Ecológicos, criada em 2010. Essa associação tem como função

a organização e o fortalecimento das práticas agroecológicas desenvolvidas pela comunidade, como o cultivo de hortaliças, de legumes, da produção de roça de mandioca e produção de farinha, abastecendo as feiras de 12 municípios da região.

A comunidade também realiza trocas de sementes com outras comunidades, atividade essa que vem sendo incentivada pela Cáritas por meio da casa de sementes. A Matinha é uma comunidade que faz parte da Articulação de Agroecologia do Tocantins (ATA) e está inserida em ações com a Escola Família Agrícola de Porto Nacional e Ruraltins. Por ser uma comunidade destaque nas práticas agroecológicas, recebe diversas caravanas de pesquisadores e militantes em ações de intercâmbio.

TOCANTÍNIA - ALDEIA XERENTE

Tocantínia é um município que está localizado às margens do Rio Tocantins e fica a cerca de 75 km da capital Palmas. Anteriormente chamada de Piabanha, Tocantínia surgiu como povoado por volta de 1860, quando o capuchinho italiano Frei Antônio de Canges se estabeleceu na região por causa da missão com o povo Xerente. O município faz limite ao norte, com Pedro Afonso, Rio dos Bois e Rio Sono, ao leste com Rio Sono, ao sul com Aparecida do Rio Negro e Lajeado, e ao oeste com Miracema do Tocantins. Tem uma população de 6.736 pessoas, sendo que 2.889 são indígenas e 56% da população vive no campo. O município encontra-se com 1.661 famílias em situação de pobreza, sendo 1.042 beneficiárias do programa

Bolsa Família (SEPLAN/TO, 2017). No quadro, segue a síntese dos dados socioeconômicos de Tocantínia:

68

TOCANTÍNIA

Índice de Desenvolvimento (IDH)	0,589
PIB per capita (2014)	6.798,36
População urbana (2010)	2.955
População rural	3.781
Índice de Gini	0,43

Fonte: IBGE (2010) e SEPLAN-TO (2017).

O POVO XERENTE

O **povo Xerente** tem ocupado, tradicionalmente, as margens do rio Tocantins. Faz parte da família linguística JÊ e tem como base de sua sobrevivência a caça, a pesca, a coleta de frutos e o cultivo de roça. A história dos Xerente, assim como de outros povos indígenas do Brasil, é marcada por tensões e conflitos com não indígenas, acentuando-se com a corrida pelo ouro na antiga capitania de Goiás, no século XVIII.

Com ela, veio também a colonização dos territórios indígenas, invasões de fazendeiros, e as violentas ações dos governos federais e estaduais com projetos de infraestrutura para dar subsídio, principalmente, para o agronegócio e o hidronegócio na região. Essas novas formas de colonização e de apropriação da natureza impactam diretamente em seus territórios, modos de vida e lugares sagrados.

Depois de séculos de resistência, os Xerente conseguiram

a demarcação de duas terras indígenas: a Xerente e a Funil, ambas no município de Tocantínia, sendo a primeira demarcada em 1974 e a segunda em 1991. Hoje, contam com uma população estimada em 2.889 habitantes e com 64 aldeias. Em 2012, conseguiram com que a língua *Akwé*Xerente se tornasse co-oficial no município de Tocantínia.

Problemas e desafios

As terras indígenas do povo Xerente estão rodeadas de projetos e obras de desenvolvimento que vão desde a hidrovía Araguaia-Tocantins, em fase de licenciamento, à ferrovia Norte-Sul, hidrelétricas e rodovias. A UHE de Lajeado, que está em funcionamento desde 2002, diminuiu, drasticamente, a área de cultivo e o fluxo migratório dos peixes, uma das principais bases da alimentação do povo Xerente. Com as estradas e rodovias que cortam o território podendo ser pavimentadas, o saque de madeiras, que já vem ocorrendo no território, pode ser intensificado, bem como o agravamento dos problemas provenientes do alcoolismo e de atravessadores de artesanato.

Soma-se a isso a pretensão por parte do governo e de setores do agronegócio, aliado a interesses do capital estrangeiro, de dar continuidade a um projeto de expansão agrícola para o plantio de grãos. O projeto MATOPIBA, que já teve seu modelo testado em outras cidades do Tocantins como Barra do Ouro e Campos Lindos, cidades que já tiverem dentre os menores índices de desenvolvimento humano (IDH) do país, vai pressionar, ainda mais, os indígenas dentro de seus territórios, aumentando o desmatamento ao redor de toda a TI, poluindo, envenenando os rios e limitando suas áreas de uso comum.

Os impactos desse projeto também afetarão de forma drástica camponeses, ribeirinhos e outras comunidades tradicionais que precisam do cerrado para sobreviver.

Potencialidades e resistências

Desde 2004, os Xerente começaram a realizar feiras de trocas de sementes com outros povos indígenas e comunidades tradicionais do Tocantins e de outros estados. A prática, que já vinha sendo realizada pelos Krahô, é importante instrumento de resistência e atua na preservação e circulação de sementes crioulas. Muitas dessas sementes, antes sob o risco de desaparecimento, hoje, estão sendo multiplicadas por outros povos, em outros territórios.

CÁRITAS E COMUNIDADES NO NORTE 3

Ao longo do mapeamento *Um olhar da Articulação da Cáritas no Tocantins sobre os desafios e potencialidades das comunidades*, apoiado pelo projeto No caminho das águas, podemos perceber que o Tocantins é rota estratégica para a expansão do agronegócio. Com o projeto de expansão agrícola do MATOPIBA, que tem acentuado o avanço da destruição do cerrado para a plantação de soja e outros monocultivos nos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, os conflitos fundiários, já existentes no estado, vêm se acirrando.

Assim, o agronegócio tem avançado de forma violenta sobre os povos e comunidades tradicionais de todo o estado. Nos municípios de abrangência das Dioceses de Tocantinó-

polis, Miracema do Tocantins e da Arquidiocese de Palmas, buscamos sistematizar os problemas e desafios enfrentados pelas comunidades apoiadas pelo projeto *No caminho das águas*, causados pela mais recente expansão agrícola e pela consolidação de grandes projetos de desenvolvimento e de infraestrutura que estão no cerne do planejamento dos últimos governos. Além disso, elencamos quais as potencialidades e as formas de resistências adotadas pelas comunidades para defender seus territórios, modos de vida e bem viver.

Na região do Bico do Papagaio, a luta pela terra e a resistência articulada entre os povos do campo, da floresta e das águas acontece desde a década de 1950, quando camponeses/as, posseiros/as, quebradeiras de coco babaçu, indígenas e quilombolas viram-se ameaçados pelos projetos de infraestrutura e colonização do Estado brasileiro. Desde então, as hidrelétricas, rodovias e a expansão da fronteira agrícola têm se colocado em choque com os modos de vida locais, que vêm resistindo por meio de articulações entre povos e comunidades, potencializando suas práticas agroecológicas e de autonomia, tanto na gestão e monitoramento dos territórios quanto no empoderamento político de suas identidades.

É importante ressaltar a conquista histórica das mulheres quebradeiras de coco babaçu, ao conseguirem ter acesso livre às palmeiras, regulamentado por lei estadual. No território Apinajé, a proteção e a vigilância do território são realizadas constantemente pelos indígenas, e a agroecologia, assim como na comunidade tradicional Olho D'água e na comunidade quilombola Grotão, é um instrumento de muita potencialidade que garante a permanência e autonomia das famílias dentro

dos territórios.

Na área de abrangência da diocese de Miracema do Tocantins, vários municípios foram impactados pela UHE de Lajeado, e muitas famílias – como as da comunidade Pilões e Ilha da Ema – tiveram seus territórios tradicionais impactados. Apesar disso, encontraram no turismo ecológico e na agroecologia novas formas de ressignificar seus modos de vida. Na microrregião Nordeste, onde estão localizados os municípios de Campos Lindos, Goiatins e Barra do Ouro, o projeto agrícola Campos Lindos tem expulsado famílias, desmatando grandes áreas do cerrado, envenenando rios e ameaçando lideranças. Em contrapartida, as famílias camponesas dessa região se organizaram, por meio da Articulação Camponesa de Luta pela Terra e Defesa dos Territórios do Tocantins, e constroem juntas alternativas à lógica do agronegócio.

Nos municípios de Novo Acordo, Rio Sono e Tocantínia, os problemas e desafios não são diferentes, mas o Povo Xerente e as famílias do PA Primogênito e da comunidade Rural São João Batista resistem com igual intensidade. Nas comunidades e aldeias de todas as dioceses, a perspectiva agroecológica e a defesa do Bem Viver é um instrumento de luta em comum para tentar barrar as violações cometidas contra suas famílias, os territórios, as espiritualidades, as religiosidades, as culturas, as tradições e os modos de vida.

No contexto da região onde o projeto se desenvolveu, observamos que o cerrado sofreu um acelerado processo de desmatamento, a partir dos anos de 1970, e converteu-se numa região de lavouras do agronegócio e de pastagens. Essa transformação, sem a utilização de tecnologias adequadas, resultou

em danos irreparáveis ao meio ambiente, principalmente, no que tange a compactação do solo e daí na capacidade de absorção de água das chuvas. Esse fato provocou enxurradas, que degradou o solo, causando assoreamento e muita contaminação devidos aos poluentes utilizados na produção agrícola para os rios. A recorrência desses eventos diminuiu, inclusive, a sustentabilidade dos projetos agropecuários e da agricultura familiar, implantado na região.

Formas de resistência, o projeto no *caminho das águas*, pareceria entre a Cáritas da França, Caritas da Alemanha com a Cáritas Brasileira - Articulação da Cáritas Norte 3, propõe-se a fortalecer as potencialidades existentes em cada comunidade, pensando e construindo, a partir de suas realidades, demandas e desafios, alternativas para manter viva a pluralidade das formas de existência desses povos.

**CÁRITAS REGIONAL NORTE II:
GRUPO PORDOSOL/RECOMSOL**



Nesta vasta e especial Amazônia, constituída pela sua beleza e riquezas naturais que encanta e alimenta a vida de cada ser, em especial a pessoa humana. Amazônia, construída por homens e mulheres que respiram a natureza que vem da floresta e das águas.

É, nesta Amazônia, junto com os povos nativos que a Cáritas Regional Norte II, vai ao encontro do índio, do ribeirinho, do afro-descendente, da mulher, da criança, adolescentes e jovens, dos grupos e redes de economia popular solidaria, firmando uma relação que se dá muito positivamente a partir das ações de apoio e fomento no processo de fortalecimento da RECOMSOL-Rede de Cooperação Mãos Solidárias. Em uma região onde os governos municipais e Estadual não valorizam o trabalho coletivo que tem como base os princípios da Cooperação, Solidariedade, Autogestão, Democracia, Respeito ao Meio Ambiente, não aceitando o trabalho infantil e buscando o respeito ao "Ser" e ao trabalho do outro.

Neste sentido, a rede Cáritas no Brasil e no mundo, desenvolve ações tendo como diretriz geral a construção solidária, sustentável e territorial de um projeto popular de sociedade democrática e de direitos. Nossas discussões reiteram o compromisso com a dignidade humana nesta caminhada, a emancipação das mulheres em situação de vulnerabilidade e a geração de renda através do trabalho coletivo. Sempre na perspectiva de maior participação, formação, protagonismo, defesa e garantia de direitos da mulher na Região Norte.

Os encontros acontecem nos diversos ritmos da caminhada. A vivência das rodas de conversas aconteceu pautada no amor e na caridade, longas viagens no clarear do dia e travessia de barco.

HISTÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO

76

A Rede de Cooperação Mãos Solidárias–RECOMSOL é uma organização autônoma plural, apartidária, sem discriminação de gênero, raça, cor, etnia e ou religião. Tornou-se realidade em 2015 com a finalidade de articular, organizar, fomentar Grupos de Mulheres para a Cooperação Solidária, através de formação profissional pessoal e coletiva, assessoria técnica, exercício da práxis, oficinas qualificadas e temáticas, troca de saberes e experiências para a promoção de autonomia e fortalecimento da geração de trabalho e renda, principalmente o empoderamento e a emancipação de mulheres a mercê da vulnerabilidade e risco social.

Um dos princípios da ECOSOL é a autogestão e que as líderes provocam à autogestão das pessoas e dos empreendimentos, visando às decisões coletivas por todas/os de forma democrática, onde todas são responsáveis pelo desenvolvimento, fortalecimento, crescimento e amadurecimento dos grupos. A Rede de Mulheres é uma proposta em construção, vivenciada por práticas inclusivas socialmente justas e sustentáveis. Agregadora de valores socioambientais e culturais importantes na preservação da identidade e cultura, na promoção da cultura da paz e do desenvolvimento socioeconômico sustentável, na superação da pobreza e da violência, principalmente contra a mulher, no bem viver das comunidades, justiça social, respeito ao meio ambiente, à diversidade cultural, igualdade de gênero, educação e os princípios de referência da Economia Solidária e Agroecologia. Assumindo juntas a Missão de: Articular o fortalecimento dos Grupos de Economia Solidária para fomentar o

desenvolvimento socioeconômico, justo, solidário, sustentável e agroecológico. Tendo presente a Visão de: Ser referência como agente de transformação no contexto socioeconômico, justo, solidário e sustentável com base nos princípios da Economia Solidária e da Agroecologia. A experiência hoje conta com Grupos de Belém, Ananindeua, Benevides, Tomé Açu e Curalinho. Vêm capacitando lideranças e proporcionando empoderamento e fortalecimento das mulheres envolvidas especialmente às inseridas na RECOMSOL, na comunidade eclesial e na sociedade. Contribuindo para o desenvolvimento social e melhoria na qualidade de vida da comunidade vitima da vulnerabilidade social, extrema pobreza e a margem da sociedade, promovendo a cultura da paz, a sustentabilidade dos grupos envolvidos no processo de construção coletiva e reflexão partilhada da RECOMSOL.

EXPERIÊNCIA DE CONVIVÊNCIA COM A AMAZÔNIA

O Grupo PORDOSOL, formado por mulheres, integra a Rede de Cooperação Mãos Solidárias (RECOMSOL). É um Empreendimento Econômico Solidário-EES ainda informal, composto por 14 mulheres com idades entre 30 e 50 anos, que nasceram e moram em uma comunidade ribeirinha onde o ofício da pesca é de uma cultura familiar que vem passando de geração em geração. Moram normalmente entre 6 a 8 pessoas, ou até duas famílias dividindo a mesma casa na Ilha Caruaru ou nas Comunidades da Baía do Sol e na Vila da Ilha de Mosqueiro, distrito de Belém-PA. A pesca de peixes, camarões acontece

diariamente no horário da noite ou de manhãzinha no rio que forma as margens dos igarapés Castanhal do Mari - Mari e Caruaru. Para o exercício da pesca as mulheres utilizam canoas a remo e/ou rabetas, anzóis, redes e matapi. As famílias vivem da pesca, tanto para consumo como para venda, pois é o meio de sustento e renda familiar, mas também fazem a colheita de frutas regionais como: Açaí, Uxi, Umarí, Tucumã, Castanha do Pará e do cultivo da mandioca para a produção de Farinha e de onde também conseguem produzir o Tucupi e a Goma. Também produzem Trabalhos Manuais diversos: Crochê, pintura em tecido, customização em blusas, trabalhos com sementes regionais, etc. Tem companheira que cultiva abacaxi e tem uma criação de abelhas para extração do mel. As mulheres realizam reuniões mensais nas bases mesmo para animar e fortalecer umas as outras e se organizarem tanto em relação às atividades de produção e comercialização, como para os eventos e oportunidades de ações externas as comunidades em que estão inseridas e participam das Reuniões Bimestral da RECOMSOL. São muitas as dificuldades do Grupo PORDOSOL, para realizar suas atividades em busca de proporcionar as mulheres, a superação de problemas como a pobreza, a violência, e também possibilitar a geração de trabalho e renda, emancipação e dignidade das mulheres e suas famílias. Grupo PORDOSOL não recebe apoio direto da Igreja local, mas conta com o acolhimento da Cáritas e no Centro Social Irmã Josepha da Silva/SAEMA. Outra dificuldade é o acesso às políticas públicas e ou assessoria por parte das instituições governamentais. A maioria das famílias conta com os programas sociais governamentais (Bolsa família) e algumas mulheres têm

jornada tripla de trabalho, pois ainda são fachineiras nas casas de veraneio da Ilha de Mosqueiro. É grande a necessidade de meios para que consigam obter utensílios adequados para a pesca e matéria prima para aumentar a produção e formas de armazenar corretamente seus produtos originados da pesca, da colheita de frutas regionais, a produção da farinha, tucupi e goma, o mel e os trabalhos manuais e artesanais. Uma solução para amenizar parte das dificuldades é a instalação de um mercado local que proporcione a oferta do seu pescado direto do pescador para o consumidor.

VIDA COMPARTILHADA

“Maria do Socorro Araújo Corrêa, 45 anos, filha de pescador e dona de casa que também costurava para complementar a renda da família. Moradora da Ilha de Mosqueiro. Estudava um pouco, ajudava no cuidado dos irmãos mais novos e tarefas de casa. Aos 13 anos fui trabalhar de babá. Também nos cuidados de idosos, empregada doméstica, cozinheira em barracas e as vezes restaurantes. Devido o horário de trabalho muito puxado não consegui dar continuidade nos estudos. Formei 5 famílias que não deu certo. O primeiro relacionamento não deu certo devido passar por maus tratos, violência domestica. E também por ter casado muito jovem. Assim, como o terceiro relacionamento abusivo e desrespeitoso. O segundo também não foi bom por intromissão de familiares no convívio do casal. O quarto marido me abandonou por outra. No quinto relacionamento, vivendo mais tranqüila por 8 anos. Tive filhos só do

primeiro relacionamento, 3 homens e 2 mulheres, hoje tenho 6 netos. Tenho muita vontade de voltar a estudar, aprender mais o que perdi ao longo de minha vida. Poder ensinar meus netos e também por causa da auto-estima para eu me sentir melhor, ter mais conhecimento, ser reconhecida. Participo da Igreja Salão do Reino, testemunha de Jeová. Tenho dificuldades da parte financeira, pois os trabalhos manuais ainda não rende suficiente. Então complemento com diárias de faxineira. Aprendi fazer artesanatos incentivada por minha filha mais velha. E sigo trabalhando para seguir minha vida”.

PROPOSTAS DE AÇÃO

- 1) Selecionar o lixo separando o material reciclado.
- 2) Partilhar o conhecimento com os/as outros/as moradores.
- 3) Compartilhar experiências com a comunidade que vivencia os saberes ancestrais
- 4) Perceber a necessidade de cuidar e preservar “nossa casa comum”
- 5) Organizar grupos para partilhar e construir a casa comum.
- 6) Conhecer as pessoas e suas realidades
- 7) Plantar, cultivar, cuidar, reciclar e reaproveitar.
- 8) Conscientização e reeducação.

FORÇAS

- A participação ativa nas rodas de conversa.
- O esforço de cada uma para estar participando.
- O sonho de superar e transformar.
- O respeito pela casa comum, e o Ser Mulher.

RESULTADOS

- O despertar, conscientização e valorização do que é nosso
- A simplicidade e humildade de cada uma
- Compromisso com o coletivo
- A troca de experiência, saberes e sabores de sua vida

Irmã Edilamar Pimenta e Rosane Gomes (coordenadoras locais)

REFERÊNCIAS

82

Imagem da Toca - Crédito de imagem: vídeo - cultura material indígena. Construção de Ocas Paresi. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=qPbTGrT21us>>. Acesso em: 19 set. 2019.